

“De papel crepom e prata”: uma reflexão fotoetnográfica sobre as identidades culturais da caatinga brasileira na pós-modernidade.

Marcos Cajaiba Mendonça, doutorando em Estudos da Comunicação: Tecnologia Cultura e Sociedade, Universidade do Minho, Universidade da Beira Interior, Universidade Nova de Lisboa, Universidade Lusófona, ISCTE.

= Problematizando

O “*monumento é de papel crepom e prata*”. Esse é um verso de Tropicália do compositor Caetano Veloso, canção-manifesto do movimento estético e musical brasileiro do mesmo nome que surgiu e desapareceu na década de sessenta. Depois de uma viagem pelo nordeste brasileiro, ao vislumbrar a cor “ocre” das casas citadas por Oswald de Andrade, Gilberto Gil, compositor e cantor, junto com outros intelectuais, sente-se impelido a se posicionar diante dos acontecimentos vigentes nestes anos de chumbo. Surge, assim, o Tropicalismo.

Esse verso fala de um monumento este que se caracteriza pelo brilho e natureza da **prata**, metal precioso, do que é erudito, acadêmico, urbano, formal, “rico”, verdadeiro, imutável, ao mesmo tempo em que se porta o efêmero, o popular, o “pobre”, informal, regional do **papel crepom**. Tais elementos (a *prata* e o *papel crepom*) são apresentados para falar de um Brasil, cuja **identidade** está sendo posta em discussão. Traz à tona elementos de um Brasil que, talvez, o próprio Brasil (oficial) desconheça ou queira fazer-se desconhecido.

Conhecido como o país da miscigenação, da diversidade cultural e natural, definido por autores como Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, o Brasil é um país que, neste contexto vê-se “na sala de estar” através da televisão e da rádio e, também, vê por estes mesmos veículos, um mundo em transformação. Essa transformação, sem querer me aprofundar, é o que Lyotard (2003) diz ser consequência da deslegitimação das metanarrativas que fundaram a modernidade e que tentaram dar conta do homem. Este “homem”, em sua complexidade, já vê-se questionado em seu próprio fundamento enquanto sujeito moderno e, não pode mais ser explicado por estes discursos legitimadores, passando, assim, brevemente falando, a ser visto, por um lado, como homens e mulheres em suas particularidades e singularidades contempladas ou expressas, agora, pelos pequenos relatos da “pós-modernidade”. Por pequenos relatos (Lyotard, 2003) entendemos narrativas proferidas por “vozes” locais, particulares, das “minorias” (Maffesoli, 2004) marcados por aspectos como o neotribalismo, localismo, presentismo, dentre outros (Maffesoli, 2004).

Nessa perspectiva, com os olhos voltados para o Brasil, nestes tempos de pós-modernidade, a *identidade*, assumida como **identidades** fez-me inquietar, ao estudar sobre os pequenos relatos no lugar onde vivo, chegando a um elemento constitutivo do território. Esse elemento é inegável, porque, de fato, é o único **bioma** que é **genuinamente brasileiro**, constituído por fauna e flora endêmicas, jamais encontradas em outra parte qualquer do mundo: a **caatinga**.

Etimologicamente “**mata branca**”, bioma ou ecossistema, comumente confundido pelo imaginário do “sertão” ou pelo “semiárido”, é de clima quente e tem pouca incidência de chuvas. Possui habitantes que tem uma forma de se relacionar entre si e o próprio bioma que, quiçá, podem ser diferente dos demais do Brasil. Há um discurso vigente sobre a cultura nacional que ilustro nesse período, mas que, até hoje suscita interesse. Assim, se considerarmos que “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos” (HALL, 20015), é fundamental, em

tempos de pós-modernidade, investigar este aspecto: **as identidades culturais**.

=Motivação: inquietação pessoal, a partir da experiência enquanto investigador e docente do IF Baiano inserido no contexto da caatinga, sobre as características da “**cultura** caatingueira” e sobre a singularidade dos povos que habitam este bioma genuinamente brasileiro, num contexto de transformações da **tecnologia**.

Assim, considerando a caatinga como um espaço de manifestação dos pequenos discursos e os que os seus sujeitos podem não ter sua complexidade esgotada pelas metanarrativas, escolhemos a *fotografia* “privilegiado meio de comunicação” (MARTINS, 2012), como “suporte” de registro e expressão de suas identidades culturais.

= Pergunta de partida: como a *fotografia* (**narrativa fotoetnográfica constituída pela equipe investigadora** (investigador, orientador e sujeitos) e *decodificada pelos sujeitos culturais caatingueiros*) pode contribuir para construir **discurso** sobre as identidades culturais da caatinga brasileira na pós-modernidade.

= Objetivos:

- geral:

investigar como a *fotografia* (**narrativa fotoetnográfica constituído pela equipe investigadora** (investigador, orientador) e *lida pelos sujeitos culturais caatingueiros*) pode contribuir para construir um **discurso** sobre as identidades culturais dos povos que vivem na caatinga tendo as *dimensões dos pequenos relatos pós-modernos* como estratégia do trabalho investigativo: as lentes para registro e construção da narrativa.

- específicos:

- a) Traçar um panorama conceitual da caatinga na pós-modernidade;
- b) Sistematizar, conceitualmente, as dimensões dos pequenos relatos;
- c) Identificar, nos pequenos relatos, elementos da cultura portuguesa na caatinga.
- d) Executar o trabalho fotoetnográfico nas comunidades escolhidas: imersão nas comunidades e registro fotográfico;
- e) Construir a narrativa fotoetnográfica: escolha das fotografias, montagem e criação da narrativa a partir de cada dimensão dos pequenos relatos;
- f) Realizar as leituras das narrativas fotoetnográficas.

= Abordagem Metodológica

- Ancorada na *abordagem alternativa*: “os significados escondidos ou latentes são os mais significativos e que estes não podem ser lidos por dados numéricos” (McQUAIL, 2003, p. 329);

Pesquisa **qualitativa**: “explorar e compreender o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2014)

- **Exploratória**: tatará sobre um problema que suscita novas reflexões;
- Inserida na **perspectiva cultural**: “raízes nas humanidades, na antropologia e na linguagem” (McQUAIL, 2003, p. 13), através da fotografia.
- Serve-se dos atributos do “**paradigma**” fenomenológico.
- Prima pela linguagem: tendo a fotografia como “privilegiado meio de comunicação” (MARTINS 2012).
- **método**: *fotoetnografia*: a fotografia como instrumento de registro, de narrativas e de leituras de formas culturais identitárias realizado pelo pesquisador-fotógrafo na imersão nas comunidades.

= Estratégia para o Trabalho Fotoetnográfico:

Para cada uma das metanarrativas pós-modernas, estão sendo construídas conceitualmente, uma **dimensão de pequenos relatos (mitopoéticas)**. Elas servirão de “lente” para a fotoetnografia. Assim:

a) **Tradição Sapiencial “x” Iluminismo**: conhecimentos, saberes, tradições, culinárias, regras do bem-viver, corporeidade, sentidos, oralidade, dispositivos tecnológicos, educação formal/informal, leituras da natureza;

Proposta que vem de encontro à emancipação legitimadora e progressiva da razão proposta pelo Iluminismo;

b) **Senso Sacro “x” Cristianismo**: disposição para relação com o transcendente? mistério, natureza (des)sacralizada, diálogo com as religiosidades (heranças negras, indígenas e portuguesas), crenças, superstições, “salvação”, inferno, finitude, “inselencas”, simbólico, ritos, rituais, “profano”, hibridismo religioso, morte;

Proposta que vem de encontro à única possibilidade de salvação pela fé revelada trazida pelo Cristianismo;

c) **Necessidade hierárquica “x” Marxismo**: a hierarquia (Weill 1997), autoridade, distribuição de poderes políticos conferidos por outros valores? o papel da mulher, configuração de família, benzedeadas, parteiras, os anciãos, a palavra;

d) **Consciência sustentável “x” Capitalismo**: pequenas propriedades, pequenos agricultores, sociedades “tradicionalistas”, cooperativas, associações, agricultura familiar, práticas de manejo e conservação do solo e da fauna, água, agroecologia, economia solidária, artesanato, sustentabilidade, feiras;

Proposta que vem de encontro à proposta de “enriquecimento da humanidade inteira através dos progressos da sociedade capitalista” (LYOTARD, 1997).

= Roteiro para o Trabalho Fotoetnográfico:

a) **primeira etapa**: registro do cotidiano ordinário: buscará se ater aos hábitos comuns

diários, do amanhecer ao anoitecer, procurando acompanhar a rotina de cada comunidade.

b) **segunda etapa:** registro de acontecimento extraordinário: a intenção é identificar momentos de acontecimentos que fujam à rotina, tendo em vista as quatro dimensões dos pequenos relatos (manifestações religiosas, econômicas, sociais e culturais inerentes às comunidades)

c) **terceira etapa:** leitura das narrativas fotoetnográficas pelas comunidades (festa do papel crepom e prata): como produto das duas visitas anteriores, serão apresentadas as narrativas para que sejam feitas as leituras e, conseqüentemente, percebidas as impressões. Para a leitura das narrativas, optamos em utilizar a técnica do grupo focal.

– Técnica: grupo de foco

= Caracterização dos Grupos Focais - GFs:

- **Três GFs:** um, por comunidade;
- **Tipificação:** Heterogêneo;
- **Quantidade de membros:** seis;
- Critérios de formação:
 - quatro membros: um por cada dimensão dos pequenos relatos;
 - dois membros: um, com maior interação durante o processo (participação nas atividades, expressão oral, etc.); outro, com menor interação.
- **Quantidade de encontro:** três por grupo;
- **Duração de cada encontro:** detalhado abaixo.
- **Local:** espaço privado previamente preparado para utilização dos instrumentos de captura dos registros dentro da própria comunidade – por exemplo: sala de aula, capela, sob a copa de uma árvore.
- **Instrumentos de registro:** gravador de voz, camera fotográfica, papéis, canetas;

= Proposta de roteiro para os GFs:

Acontecerá durante o período do terceiro encontro fotoetnográfico: terceira semana de trabalho de investigação nas comunidades):

1º dia: “Festa do papel crepom e prata”: noite em que toda a comunidade se reúne para o momento coletivo da apresentação, apreciação e leitura informal da narrativa fotoetnográfica. Momento celebrativo da cultura caatingueira das comunidades com apresentações de manifestações próprias como: músicas, culinária, danças, contação de estórias, exposição de talentos artísticos tradicionais, expressões de objetos sacros, etc., com pausa específica, para a projeção em telão, da narrativa fotoetnográfica construída a partir das imagens feitas durante todo o processo. Os membros dos GFs estarão misturados à comunidade, sem a identidade ou a intencionalidade de atuarem enquanto tal. Duração: 120 minutos aproximadamente;

2º dia: trabalho individual de investigação: avaliação, por parte do investigador, da “Festa do papel crepom e prata” e preparação para a aplicação dos GFs. Duração: tempo integral;

3º dia: primeira reunião oficial com os GFs: primeira parte da aplicação do guião.

Duração: 40 a 60 minutos, em turno a combinar;

4º dia: primeira reunião oficial com os GFs: segunda parte da aplicação do guião.

Duração: 40 a 60 minutos, em turno a combinar;

5º dia: trabalho individual de investigação. Destinado à finalização da pesquisa de campo, agradecimentos, despedidas e encerramento desta fase de investigação.

= Estágio atual da investigação:

- Revisão conceitual das categorias analíticas;
- Construção conceitual do capítulo das estratégias para fotoetnografia: As Dimensões dos Pequenos Relatos.
- Preparação para a pesquisa de campo.

= Relevância da investigação:

- Considerar a cultura e, mais ainda, as identidades culturais, como um aspecto importante nos Estudos da Comunicação.
- Investigar o papel da fotografia como possível construtor/produtor de discursos identitários;
- Investigar as identidades culturais a partir das dimensões dos pequenos relatos da/na caatinga, num contexto pós-moderno
- Admiração e respeito pela caatinga e pelos seus;
- Ausência de pesquisas específicas sobre aspectos culturais da caatinga: bioma exclusivamente brasileiro;
- Busca de traços/heranças/contribuições da cultura portuguesa no cotidiano dos caatingueiros;
- Caráter social e institucional da pesquisa;